

Um intelectual anti-intelectualista: Régis Debray e a revolução cubana.

(1964-1967)

An anti-intellectual intellectual: Régis Debray and a Cuban revolution. (1964-1967)

Higor Codarin*

Resumo: Através de uma análise comparativa a respeito dos textos do filósofo francês Régis Debray sobre a América Latina, entre 1964 e 1967, buscamos compreender sua produção teórica através de duas questões fundamentais: em primeiro plano, demonstrar de que modo a relação de Debray com o governo cubano alterou aspectos relevantes de sua produção teórica. Para além, investiga-se como essa relação alçou o filósofo francês a uma posição de prestígio no campo intelectual latino-americano. Em um segundo plano, de que modo a produção teórica de Debray, em específico o célebre ensaio *Revolução na Revolução?*, serviu ao governo cubano para construção da posição de Cuba como farol revolucionário latino-americano.

Palabras clave: Revolução cubana; intelectuais, luta armada; teoria revolucionária

Abstract: Through a comparative analysis of the texts of the French philosopher Régis Debray on Latin America between 1964 and 1967, we sought to understand its theoretical production through two fundamental questions: firstly, to demonstrate how the approximation of Debray with the Cuban government has altered relevant aspects of its theoretical production. In addition, one investigates how this relationship elevated the French philosopher to a position of prestige in the Latin American intellectual field. Secondly, in what way Debray's theoretical production, in particular the famous essay *Revolution in the Revolution?*, served the Cuban government to maintain Cuba's position as a Latin American revolutionary lighthouse.

Keywords: Cuban revolution; intellectuals; armed struggle; revolutionary theory

Recibido: 17 febrero 2020 Aceptado: 28 abril 2020

* Brasileiro, mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Nome do projeto: "Unidade da vida e do mundo. Uma biografia histórica de Vera Sílvia Magalhães." Número do processo: E-26/201.860/2019. E-mail: higor.codarin@gmail.com

“El secreto del valor del intelectual no reside en lo que éste piensa, sino en la relación entre lo que piensa y lo que hace. En este continente, quien no piensa – o en rigor, quien no piensa en la revolución – tiene todas las probabilidades de estar pensando poco o mal. Y luego llega un momento, un momento como hoy, en el que pensar no basta: en el que es necesario aprender, de y en la lucha revolucionaria, a pensar mejor la vida de todos.”
Regis Debray, *El papel de los intelectuales en los movimientos de liberación nacional*, 1966.

Autor-chave na constituição de uma época¹ permeada pela identidade revolucionária latino-americana, Régis Debray, filósofo francês, foi o segundo – ficando atrás apenas de Che Guevara – principal teórico do foquismo cubano², que empolgou corações e mentes latino-americanos na busca pela revolução socialista em seus respectivos países e, no limite, pela revolução em *nuestra américa*, como se dizia na época. Frequentou os mais altos escalões do poder em Cuba, desenvolvendo estreitos contatos com Fidel Castro, fato que o levou a participar da experiência guerrilheira de Che Guevara na Bolívia, sendo preso em abril de 1967, meses antes da captura e subsequente assassinato do revolucionário argentino.³ Tendo em vista a importância do filósofo para o imaginário da época, e diante do quase silêncio historiográfico sobre o tema⁴, buscamos explorar os principais textos de Debray sobre a América Latina, reunidos em uma coletânea intitulada *Ensayos sobre América Latina*.

¹ Utilizamos o termo conforme propõe Gilman, que descreve a constituição de uma época específica para a América Latina entre a revolução cubana, em 1959, e o golpe contra Salvador Allende, no Chile, em 1973. Contudo, mais do que aberta e fechada por marcos históricos, uma época, segundo a autora, constitui-se a partir de um sistema de crenças partilhados e de circulação de discursos. Para maiores detalhes, cf. Claudia Gilman. *Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Argentina, Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

² Fugiríamos ao escopo do presente artigo caso fizéssemos uma discussão exaustiva a respeito do foquismo cubano. Deve-se salientar o essencial. Como já apontamos, Che Guevara foi o precursor da empreitada e, a partir de seus escritos, Debray também se aventurou nesta seara, conforme veremos adiante. Construíram em comum, apesar das divergências, um tipo específico de voluntarismo revolucionário, fortemente baseado em uma concepção de luta de pequenos grupos, armados, que pudessem, através de suas ações, desencadear o processo revolucionário, principalmente, a partir do campo. Para maiores detalhes, cf. Ernesto “Che” Guevara. *Obra revolucionaria*. Organização Roberto Fernandez Retamar. 2. Ed. México, DF: Era, 1968; Régis Debray. *Ensayos sobre América Latina*. 3ª ed. México, DF: Era, 1976.

³ Para maiores detalhes sobre a experiência guerrilheira na Bolívia e morte do revolucionário argentino, cf. Jon Lee Anderson. *Che, uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005; Jorge G. Castañeda. *Che Guevara: a vida em vermelho*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁴ Na historiografia brasileira encontramos apenas um trabalho que versa sobre a produção teórica de Debray, restringindo-se a uma análise particular a respeito do texto *Revolução na revolução?*. Estendendo a busca para outros horizontes, encontramos somente um artigo que versa sobre a trajetória de vida de Debray, sem lançar luz sobre as diferenças teóricas no conjunto de sua obra revolucionária a respeito da América Latina. Para maiores detalhes, cf. Ítalo Rodrigo Xavier Cordeiro. *A cultura política da revolução latino-americana na década de 1960: Régis Debray e o foquismo*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual de São Paulo, Franca/SP, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/93190> Acesso em: 10 fev. 2022; Humberto Cucchetti. *Régis Debray, intelectual engagé. De révolutionnaire professionnel à conseiller d'État*. *Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies / Revue canadienne des études latino-américaines et caraïbes*, 44:1, 83-104, DOI: 10.1080/08263663.2019.1543164.

Seguindo a ordem cronológica dos textos, iniciada em 1964 com *Una experiencia guerrillera* e finalizada em 1967 com o famigerado *¿Revolución en la revolución?*, intentamos analisá-los por intermédio de suas diferenças a respeito de perspectivas tático-estratégicas e, especialmente, em relação ao papel da teoria e, conseqüentemente, do intelectual no processo revolucionário latino-americano. A empreitada analítica, ao contrário de enclausurar os textos em si mesmos, tem como pano de fundo os estreitos contatos que Debray desenvolveu, a partir de 1965, com o governo cubano e, também, os reflexos dessa aproximação em sua posição no campo intelectual latino-americano, que teve como marca maior, especialmente na segunda metade da década de 60, uma perspectiva anti-intelectualista. Nesse sentido, os textos também são analisados tendo em vista os meios em que eram divulgados, pois servem de evidência à movimentação de Debray no campo⁵. Na esteira, busca-se, também, demonstrar de que modo as mudanças teóricas de Debray atendiam às necessidades do governo cubano com relação à sua legitimação interna e externa, seja perante a própria população cubana em um momento delicado pelo qual passava a consolidação do processo revolucionário e/ou diante da miríade de organizações que surgiam nos diversos países latino-americanos, que reivindicavam o caminho guerrilheiro para seguir a vereda revolucionária aberta por Cuba em nosso continente.

Em síntese, através de uma análise comparativa a respeito dos textos do filósofo francês Régis Debray, buscamos compreender sua produção teórica através de duas questões fundamentais: em primeiro plano, demonstrar de que modo a estreita aproximação de Debray com o governo cubano alterou aspectos relevantes de sua produção teórica, especialmente relacionadas às reflexões a respeito do papel do intelectual e sobre a necessidade do trabalho teórico no processo revolucionário, fato que caracterizou uma guinada anti-intelectualista do autor. Para além, investiga-se como essa relação alçou o filósofo francês a uma posição de prestígio no campo intelectual latino-americano. Por outro lado, objetiva-se compreender de que modo a produção teórica de Debray, em específico o célebre ensaio *¿Revolución en la revolución?* serviu ao governo cubano para construção da posição de Cuba como polo revolucionário no movimento comunista internacional e, principalmente, como farol teórico para os movimentos revolucionários latino-americanos. Nesta perspectiva, objetiva-se, por intermédio da relação entre Debray e Cuba, escapar das interpretações binárias que permeiam as análises sobre a relação dos intelectuais com governos e/ou perspectivas políticas. Seguindo a vereda proposta por Ridenti, esta é “[...] uma relação intrincada com custos e benefícios para todos os agentes envolvidos, que implica ainda uma dimensão utópica que não se reduz ao cálculo racional.”⁶

⁵ Utiliza-se, no presente artigo, o conceito de campo intelectual baseado nas reflexões do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Lançando luz para a necessidade de “reinsere a obra ou o ator singular que toma como objeto no sistema de relações constitutivo da classe dos fatos” (2005, p. 183), a conceituação de Bourdieu é fundamental para afastarmos duas visões a respeito dos intelectuais e suas obras: a substancialista, que limita a compreensão do autor e sua obra em si mesmos, e a estruturalista, que considera apenas as relações sociais de produção para compreender a obra e seu autor. Nessa perspectiva, portanto, Bourdieu alerta-nos, por um lado, para a necessidade de integrar autor e obra em seu respectivo contexto socioeconômico, histórico e político. Por outro, demonstra que os intelectuais constituem e são constituídos por um espaço social particular que os envolve, denominado campo, permeado por um sistema de linhas de força, onde cada um dos agentes se insere em posições diferenciadas a depender das disputas entre as correntes que o constituem. Nessa perspectiva, portanto, pode-se compreender, de maneira mais orgânica, a atuação de Debray no contexto latino-americano da década de 60. Para maiores detalhes, cf. BOURDIEU (1996; 2005; 2009)

⁶ Marcelo Ridenti. *Brasilidade revolucionária: um século de cultura e política*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, 21.

Campo intelectual latino-americano

Para atendermos ao objetivo do presente artigo, devemos, como prelúdio, descrever brevemente a formação do campo intelectual latino-americano, relacionando as coordenadas históricas que o envolveram aos discursos que despontavam como legítimos e que se tornavam predominantes, exercendo força gravitacional em seu entorno.

Em primeiro plano, deve-se sublinhar a (re)criação da ideia de *nuestra américa*, que, como diz-nos Gilman, traduziu-se em um espaço de pertencimento dos intelectuais latino-americanos.⁷ A superação das distinções nacionais em favor de uma geopolítica de pertencimento continental fundava-se, essencialmente, na conjuntura histórica que se abria com a chegada dos guerrilheiros da *Sierra Maestra* em Havana, no início do ano de 1959. Ao primeiro território livre da América, como se dizia na época, incorporar-se-iam os demais países da América Latina pois, conforme apontava o ensaio de Che Guevara *A guerra de guerrilhas*⁸, do processo revolucionário cubano desprendiam-se as contribuições necessárias para impulsionar a revolução nos demais países do continente que transformariam, assim – como apontava Fidel Castro – a cordilheira dos Andes na Sierra Maestra da América.

Nessa perspectiva, mas sublinhando a relação da constituição de uma identidade latino-americana ao contexto mundial, a revolução cubana – e seu desdobramento socialista posterior – acoplava-se à revolução chinesa, à descolonização africana, em especial à luta de libertação nacional na Argélia, e à guerra do Vietnã. Assim, a ideia de latino-américa – e latino-americanismo – inseria-se em um sentido de solidariedade terceiro-mundista baseado em um forte anti-imperialismo. Além disso, sedimentava-se a visão de que o mundo caminhava, a passos largos, para o socialismo que, ao contrário de outrora, alçava os países periféricos à locomotiva da história. Aos “condenados da terra”, conforme expressão de Franz Fanon⁹, estaria reservado o papel de acabar com a exploração do homem pelo homem. Assim, como um dos marcos predominantes da época, vislumbrava-se que a mudança, além de iminente, estava ao alcance das mãos.

Esse contexto, descrito de modo sucinto, ecoou no campo intelectual, não só latino-americano, mas também mundial. A palavra *revolução*, em sua amplitude de significados, dava a tônica da legitimidade no campo. A política, recorrendo novamente a Gilman, ao longo da década de 60, “[...] constituyó el parámetro de la legitimidad de la producción textual y el espacio público fue el escenario privilegiado donde se autorizó la voz del escritor, convertido así en intelectual”¹⁰. Especificamente para a América Latina, o contato dos intelectuais com Cuba passou a exercer forte pressão no campo intelectual, estabelecendo “[...] cambios importantes en las colocaciones respecto de las cuestiones centrales que se discutieron en el período, como por ejemplo la función de la literatura y de la experimentación artística, el rol del escritor frente a la sociedad, los criterios normativos del arte y la relación entre los intelectuales y el poder.”¹¹

A mudança mais importante, para os objetivos do presente artigo, refere-se à discussão sobre o que caracterizava a prática intelectual. Correndo o risco de reduzir a complexidade do tema, mas

⁷ Gilman, op. cit., 27.

⁸ Ernesto Che Guevara. *Guerra de Guerrilhas* (1960), 10ª ed. São Paulo: edições populares, 1987.

⁹ Frantz Fanon. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

¹⁰ Gilman, op. Cit., 29.

¹¹ *Ibid*, 28

buscando construir um pano de fundo geral para a análise dos textos de Debray, a reflexão sobre o papel do intelectual passou por três momentos distintos ao longo da época aqui tratada.

Em um primeiro plano, deve-se realçar a importância de Sartre e sua perspectiva de engajamento para transmutação dos escritores em intelectuais. Sua influência, no campo intelectual latino-americano, aumentou significativamente após sua vinda a Cuba e subsequente defesa do processo revolucionário. Nesse momento, conforme aponta Gilman: “El compromiso implicaba una alternancia a la afiliación partidaria concreta, mantenía su carácter universalista y permitía conservar la definición del intelectual como la posición desde la que era posible articular un pensamiento crítico.”¹² Nesse contexto, o pertencimento à esquerda transformou-se “en elemento crucial de legitimidad de la práctica intelectual.”¹³

Contudo, ao longo da primeira metade da década de 60, a noção de compromisso do intelectual com a esquerda e, mais claramente, com a revolução, sofreu diversos tipos de pressão, transformando-se em um dilema, que mobilizava esforços para uma nova definição. Por um lado, as tentativas revolucionárias inspiradas em Cuba, que pululavam na Venezuela, Colômbia, República Dominicana e Guatemala colocavam na ordem do dia uma discussão a respeito da pouca ressonância dos escritos engajados para o sucesso das empreitadas guerrilheiras. Além disso, o texto de Che Guevara, *El socialismo y el hombre en Cuba*, que atualizava o conceito de “homem-novo”, exposto por Marx nos *Manuscritos Económico-filosóficos* de 1844, ecoou com significativa força entre os intelectuais. De acordo com o revolucionário argentino: “Para construir el comunismo, simultáneamente con la base material hay que hacer al hombre nuevo. [...] En este período de construcción del socialismo podemos ver el hombre nuevo que va naciendo. Su imagen no está todavía acabada; no podría estarlo nunca ya que el proceso marcha paralelo al desarrollo de formas económicas nuevas.”¹⁴ Seus apontamentos, segundo Gilman, acabaram por enfatizar, no interior do campo intelectual, “[...] los defectos y perspectivas de clase que los intelectuales deberían arrancar-se en una suerte de cambio de piel” (Gilman, 2003, p. 157). Nesta segunda fase, portanto, ultrapassando a noção de engajamento, abriu-se “[...] un debate sobre la función del intelectual que podía o merecía ser considerado revolucionario.”¹⁵

O terceiro período, saído das entranhas do dilema por uma nova definição de intelectual, consagrava não o intelectual engajado, mas o intelectual revolucionário. Não o intelectual afeito às armas da crítica, mas sim à crítica das armas, para utilizarmos a metáfora de Marx. Do dilema entre a pluma e o fuzil, conforme o título da obra de Gilman, tornava-se legítima, no campo intelectual, a escolha do fuzil. A figura do guerrilheiro, do homem de ação. Constrói-se, assim, uma perspectiva anti-intelectualista, protagonista do campo intelectual na segunda metade da década de 60, diminuindo a importância simbólica da prática intelectual. Conforme Gilman, ao transcorrer sobre o termo:

El antiintelectualismo es una vituperación que traduce en términos de superioridad la serie política sobre la actividad intelectual, cultural, literaria; es un discurso, no necesariamente ‘sincero’, que surge dentro del mismo campo intelectual para abjurar de sí mismo enfrentando a sus miembros con otros

¹² Ibid, 73

¹³ Ibid, 58.

¹⁴ Guevara, op. cit., 631-632.

¹⁵ Gilman, op. cit., 158.

paradigmas de valor, encarnados por el hombre de acción y el hombre del pueblo.¹⁶

Em outro momento do texto, Gilman aprofunda a reflexão sobre o termo, demonstrando a relação entre os dirigentes partidários e o campo intelectual na construção do antiintelectualismo como discurso legítimo do campo: “En gran parte, el antiintelectualismo fue una respuesta funcional del campo intelectual frente a la dirigencia partidaria y de la dirigencia partidaria frente al campo intelectual, en un momento de desequilibrio en favor de los líderes políticos.”¹⁷

Feita essa breve introdução a respeito das posições legítimas no campo intelectual latino-americano, em que a prática intelectual, em seu terceiro período, reduziu-se à prática militante, implicada em pegar em armas para realizar a revolução latino-americana, passemos à análise dos textos de Debray para explorarmos sua movimentação no interior do campo no decurso da década de 60.

Debray e a América Latina

A relação de Debray com a América Latina inicia-se em 1963, com sua vinda ao continente como, ao que indicam as parcas informações, correspondente da revista *Révolution*, criada e editada pelo franco-argelino maoísta Jacques Vergès.¹⁸ Como já indicamos, os intelectuais de todo o mundo acompanhavam de perto os acontecimentos no continente americano. No caso específico da revista *Révolution* e dos maoístas em geral, o interesse poderia ser ainda maior pela semelhança de visões cultivadas a respeito da necessidade da violência no processo revolucionário entre os adeptos da linha chinesa e os adeptos do foquismo cubano que, nesse quesito, convergiam na contraposição à proposta de coexistência pacífica da União Soviética.

Dessa primeira passagem pela América Latina, entre 1963-1964, surgiram dois textos: *Una experiencia guerrillera* e, de modo mais importante, o texto teórico que atraiu a atenção do governo cubano: *El castrismo: la larga marcha de América Latina*.

Publicado em *Révolution* em 1964 sob o codinome de Francisco Vargas, o primeiro texto, de forte cunho jornalístico, versa sobre o contato com os guerrilheiros da Força de Libertação Nacional da Venezuela. De forma colateral, demonstra algumas reflexões, em caráter menos profundo, a respeito dos objetivos aqui em evidência, que são: as definições tático-estratégicas relacionadas ao trabalho teórico e/ou à função dos intelectuais no processo revolucionário. Apesar de periféricas, Debray esboça os temas – de forma condensada – em suas reflexões a respeito da relação entre partido/guerrilha e campo/cidade.

De início, após detalhar sua chegada à área guerrilheira comandada por Douglas Bravo, Debray aponta: “Un frente guerrillero no puede resistir mucho tiempo, si no se constituye como la cúspide de una pirámide compleja.”¹⁹ Se a afirmação, per si, parece contraditória aos princípios básicos do foquismo tem logo um adendo, demonstrando a adesão de Debray às ideias de Che Guevara:

Sin embargo, esta imagen resultaría inadecuada [...] si no se le añade el hecho de que esta pirámide se construye a la vez por la cúspide y por la base, es decir,

¹⁶ Ibid, 166

¹⁷ Ibid, 180.

¹⁸ Benjamin Lambert. *Défense d'interdire: Almanach (nostalgique) de mai 1968*. FeniXX, 1997.

¹⁹ Debray, op. cit., 14

que así como lo indica Che Guevara en el prefacio de la *Guerra de guerrillas*, un foco guerrillero puede acelerar la crisis nacional y agudizar la lucha de clases, provocar la estructuración de esa organización político-militar destinada a apoyarla y a revelar un campesinado revolucionario.²⁰

Além disso, nota-se, já nesse momento, algo que iria se exacerbar nas produções posteriores: a criação imagética do guerrilheiro, do quadro político-militar, forjado na aspereza das montanhas. Nas *sierras*, os guerrilheiros capacitar-se-iam de “[...] una resistencia física excepcional, un sentido de la disciplina personal y colectiva, sin lo cual la supervivencia del grupo resultaría imposible.”²¹

Apesar da notável aproximação, vemos, logo em seguida, um primeiro contraste com o que viria a ser sua posição em *Revolución en la revolución*, no que concerne, especificamente, ao papel das cidades e da ação urbana no processo revolucionário. O que em 1967, conforme veremos, será negado de forma peremptória, aqui é exaltado, como forte ponto de apoio dos guerrilheiros: “[Os militantes urbanos não armados] Son el anverso nocturno de la guerrilla. Sin ellos estaría ya en camino de extinguirse.”²²

Em relação ao trabalho teórico, Debray ressalta sua importância, apesar de já matizada: “No es necesario pasar un examen marxista para entrar a la guerrilla. Lecturas teóricas y experiencias prácticas sobre el trabajo de masas bastan para transformar en pocos meses a un oficial no comunista, [...] en marxistas convencidos.”²³

Em suma, apesar da pouca reflexão teórica, pode-se notar algumas das posições de Debray em seu primeiro texto após sua chegada à América Latina e, principalmente, após o contato com as reflexões de Che Guevara a respeito do método da guerra de guerrilhas por ele proposto. A primeira reflexão, esta essencialmente teórica, viria a seguir, em texto publicado em janeiro de 1965, na conceituada *Les Temps Modernes*, criada e editada pelo filósofo Jean Paul Sartre. Sua publicação na revista sartriana talvez seja sintomática da mudança, já em curso, da posição de Debray no campo intelectual.

Deixando de lado o relato jornalístico do texto anterior, *El castrismo: la larga marcha de América Latina* é um balanço da viagem que o filósofo francês fez pela Venezuela, Colômbia, Equador, Bolívia, Argentina, Uruguai e Brasil. Mais do que isso, é uma proposta de compreensão das experiências revolucionárias fracassadas da América Latina ao longo do século XX à luz do foquismo – caracterizado como “castrismo” – para sublinhar sua importância.

Nesse texto, nota-se, pela primeira vez, a filiação de Debray à perspectiva de construção de um modelo revolucionário baseado na experiência cubana, indicativa da maneira como Debray passa a visualizar e propor uma sistematização das referências tático-estratégicas derivadas da revolução cubana. Como é possível notar nas palavras do próprio filósofo:

El castrismo no es más que el proceso de recreación del marxismo-leninismo a partir de las condiciones latinoamericanas y a partir de las “condiciones anteriores” de cada país. No tendrá, por lo tanto, nunca dos veces el mismo rostro. De país a país, sólo puede vencer con la condición de sorprender. [...].

²⁰ Ibid, 14-15.

²¹ Ibid, 19.

²² Ibid, 17.

²³ Ibid, 38.

Porque el castrismo o el leninismo redescubierto y adaptado a las condiciones históricas de un continente que Lenin desconocía.²⁴

Especificamente aos temas que aqui nos interessam, é possível notar a importância que Debray credits à atuação nas cidades, ao trabalho teórico e aos estudantes. Diz Debray: “Si ‘en la América subdesarrollada, el terreno de la lucha debe ser fundamentalmente el campo’ (Che Guevara), ello no impide que en las ciudades se desarrollen focos secundarios, núcleos de discusión teórica, de agitación política, o ejércitos de reserva: las universidades.”²⁵ Na esteira, aponta, inclusive, que na América Latina os estudantes, devido ao nível de consciência das massas trabalhadores, são, até o momento, “a vanguardia da revolución.”²⁶ Ressalta, além disso, a necessidade de um aparato político “de enlace y ligazón con las masas urbanas, único capaz de establecer relaciones con una acción de masas en la ciudad, legal si fuera posible; de amplificar por medio de la propaganda el eco del foco rural; de difundir y hacer penetrar en las ciudades un programa de acción, un manifiesto político”.²⁷

Outrossim, em uma posição que entraria em conflito com as posições assumidas posteriormente em *Revolução na revolução?* Debray postula sobre a luta armada: “La lucha armada no se puede blandir en América Latina como una consigna, un imperativo o un remedio en sí, sino que debemos preguntarnos ¿lucha armada de quiénes, cuando, dónde, con qué programa, con qué alianza?”²⁸. Buscando responder parte dessa pergunta, Debray estabelece sua posição a respeito da relação entre partido e guerrilha. Seguindo a perspectiva proposta por Che Guevara, o filósofo francês postula a máxima de que a “presencia de un partido de vanguardia no es un requisito previo absoluto para el desencadenamiento de la lucha armada.”²⁹

Em síntese, nesse texto, através da importância que Debray credits aos estudantes, à universidade, aos núcleos de discussão teórica, aos manifestos políticos e, no limite, às cidades, pode-se notar a valorização de aspectos relacionados ao trabalho teórico e, especialmente, ao trabalho político, alçado a parte imprescindível do sucesso militar da guerrilha. Contudo, por outro lado, algo que aparecia de forma superficial no primeiro texto, desponta, aqui, de forma explícita: o “castrismo” como um modelo revolucionário específico para a América Latina.

Pelo esforço em construir, teoricamente, um modelo revolucionário derivado da revolução cubana, em consonância com a vereda aberta por Che Guevara³⁰, é que esse texto transformaria, radicalmente, a vida de Régis Debray, colocando-o em contato direto com os dirigentes cubanos. Em seu livro de memórias, Debray descreve qual era sua visão sobre Cuba, dando-nos pistas sobre como esse contato estreito com o governo cubano o empolgava na época: “A principios de los años sesenta, mi

²⁴ Ibid, 110-111.

²⁵ Ibid, 64.

²⁶ Idem

²⁷ Ibid, 67.

²⁸ Ibid, 70.

²⁹ Ibid, 74.

³⁰ Che, para além do *Guerra de guerrilhas*, aprofundaria suas reflexões a respeito da criação de um modelo revolucionário específico para a América Latina em outro texto, de 1963, denominado *Guerra de guerrillas: un método*. Para maiores detalhes, cf. Guevara, op. cit., 1968.

edad dorada era Petrogrado 1917; la cambié cinco años más tarde por la Sierra Maestra, 1956.”³¹ (Debray, 1999, p. 94)

Debray e Cuba

O contato de Debray com Cuba foi estabelecido por um caminho curioso. Pela Argélia. Segundo as memórias de Debray, seu amigo, Oswaldo Barreto, ligado às forças de libertação nacional da Venezuela, realizou um encontro com Che Guevara, em Argel, no início de 1965, para o qual mostrou a revista *Les Temps Modernes* em que estava o artigo do filósofo. O detalhamento da história, além de demonstrar como o texto chegou a Havana, aponta para o interesse de Fidel em reforçar a legitimidade da guerrilha rural – e, por conseguinte, da experiência cubana – perante à guerrilha urbana –, oferecendo presságios indicativos das mudanças que caracterizariam o texto *Revolução na Revolução?*. Segundo Debray: “El Che llevó ese ejemplar a Cuba en su equipaje y se lo pasará algunas semanas más tarde, después de traducirlo, al salir para el Congo, a Fidel Castro, que no lee francés. Lo que a este último le dio la idea de invitar al autor (ese fidelista desconocido en el batallón que parece que describe como buen conocedor los callejones sin salida de la guerrilla urbana y las ventajas de la rural).”³²

Debray aceitou o convite, viajando para Cuba ainda em 1965. Seria enviado, pouco depois, à Bolívia pelo próprio Fidel, tendo em vista recolher informações e mapas sobre a região, produzindo relatórios que seriam entregues a Che Guevara para sua empreitada guerrilheira no país.³³ De volta a Cuba, em 1966, provavelmente participou da Primeira Conferência Tricontinental em Havana, que criava a Organização de Solidariedade entre os povos da Ásia, África e América Latina (OSPAAAL), que dava seguimento ao movimento de solidariedade terceiro-mundista iniciado com a Conferência de Bandung, em 1955.

O centro de gravidade terceiro-mundista pendia para a América Latina. E Debray estava fazendo parte desse movimento. Nesse ano, realizaria, também, o treinamento guerrilheiro que Cuba oferecia aos diversos movimentos e militantes dos países latino-americanos que buscavam realizar a guerra de guerrilhas em seus respectivos países. Debray rememora este período, realçando a vontade que tinha de realizar o treinamento ou, em suas próprias palavras, a ânsia de pegar em armas para contribuir à revolução, de ir à tática e não se resumir à ação estratégica que, em sua argumentação, estaria ligada ao exercício teórico:

Cansado de “estrategia” tenía ansia de táctica. No fui “reclutado” y no me “comprometi”. Iba al origen, a los tejemanejes, allí donde las cosas se deciden, menos preocupado por creer que por actuar, y en primer lugar por formar parte. Así fue como al mes de mi llegaba abandoné el traje de baño por el uniforme verde oliva y la piscina de un hotel de lujo por una reclusión en las montañas, a la intemperie – marchas forzadas, sed alucinante, judías pintas y sardinas. ¡Qué alivio!³⁴ (Debray, 1999, p. 65)

³¹ Regis Debray. *Alabados sean nuestros señores: una educación política* Espanha, Madrid: del Taller de Mario Muchnik, 1999, 94.

³² *Ibid.*, 50.

³³ Para maiores detalhes, cf. Debray, op. cit., 1999; Ignacio Ramonet. *Fidel Castro: biografia a duas vozes*. São Paulo: Boitempo, 2016.

³⁴ Debray, op. cit., 1999, 65.

Contudo, contraditoriamente, seria com a pena, e não com o fuzil, que serviria ao governo cubano e, como desejava, à revolução latino-americana. Após realizar o treinamento, seria colocado, pelo próprio Fidel, no mais alto círculo intelectual de Cuba: a revista *Casa de las Américas*. Tornou-se um dos jurados responsáveis pelos prêmios literários concedidos pela revista.³⁵ Segundo Gilman, estudiosa das revistas latino-americanas do período, *Casa de las Américas*, criada logo após a vitória da revolução, em março de 1959, converteu-se em “centro revolucionario de la cultura latino-americana”.³⁶ E continua: “Durante largos años, *Casa de las Américas* centralizó, cooptó, redistribuyó y legitimó nombres y discursos, en un sistema de prestamos y ecos con otras revistas del continente.”³⁷ Assim, no centro do campo intelectual latino-americano, os textos de Debray deixariam de figurar nas revistas francesas e difundir-se-iam por intermédio da *Casa de las Américas*, da qual seriam traduzidos e incorporados por outras revistas que buscavam servir à revolução latino-americana. Como aponta Gilman: “Régis Debray fue un autor clave de la época, cuyos textos fueron publicados y comentados de manera sistemática.”³⁸

Seu primeiro texto na revista, *América Latina: algunos problemas de estrategia revolucionaria*, publicado no número 31, ainda de 1965, limita-se a reproduzir, em linhas gerais, as propostas de *El castrismo: la larga marcha de América Latina*, realçando a perspectiva de que o castrismo era o leninismo da América Latina:

Aquí convendría mostrar, como hemos intentado hacerlo en otra parte [referindo-se ao texto anterior], que las indicaciones de método agrupadas bajo el nombre de ‘castrismo’, constituyen, en las condiciones concretas de la mayoría de los países latinoamericanos, ‘una guía para la acción’, la más segura de todas. Como tal, el llamado castrismo, que no es sino el leninismo, no es, de ninguna manera, un modelo cerrado: asimilado y recreado por las masas latinoamericanas, es lo que guía los primeros pasos de una liberación continental.³⁹

Entretanto, são os dois textos seguintes, publicados em volumes distintos da revista, que demonstram, de forma mais evidente, o impacto da ida a Cuba na produção teórica de “Debray, el Francés”, como Fidel o chamava.

O primeiro, publicado na edição março-abril de 1966, é sintomático da discussão que mobilizava os intelectuais naquele contexto. Com o título autoexplicativo *El papel del intelectual en los movimientos de liberación nacional*, o filósofo francês busca enfatizar a perspectiva supracitada de transmutação de intelectual engajado em intelectual revolucionário. De início, demonstrando a sobreposição da crítica das armas à arma da crítica, alerta para a impossibilidade do próprio intelectual em responder essa pergunta. Para Debray: “A menos que haya participado realmente en un combate armado, con los riesgos y peligros que comporta, toda respuesta suya a esta pregunta corre el riesgo de convertirse en una comedia del espíritu, en un arranque de vanidad.”⁴⁰ Dando seguimento à argumentação, relembra a frase clássica de Lenin em *Que fazer?*, “sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário”, para enfatizar a necessidade “de un gigantesco trabajo teórico” no decorrer da revolução latino-americana.⁴¹ Contudo,

³⁵ Ibid, 116.

³⁶ Gilman, op. cit., 78.

³⁷ Ibid, 80.

³⁸ Ibid, 84.

³⁹ Debray, op. cit., 1976, 155.

⁴⁰ Ibid, 156.

⁴¹ Ibid, 157.

esse trabalho teórico somente seria legítimo caso estivesse a serviço da revolução, a serviço da luta armada, como desvela o próprio Debray, ao final, dando sua resposta à questão proposta pelo título do texto:

El secreto del valor del intelectual no reside en lo que éste piensa, sino en la relación entre lo que piensa y lo que hace. En este continente, quien no piensa – o en rigor, quien no piensa en la revolución – tiene todas las probabilidades de estar pensando poco o mal. Y luego llega un momento, un momento como hoy, en el que pensar no basta: en el que es necesario aprender, de y en la lucha revolucionaria, a pensar mejor la vida de todos. Y ya que hemos citado sus nombres involuntariamente, volvamos a ellos: hombres nacidos de esta América, como Fidel Castro y Ernesto Guevara, ¿no delinean, sin ellos ni nosotros saberlo, la verdadera figura del intelectual, elevada a su más alta incandescencia?⁴²

Nota-se, portanto, o posicionamento de Debray diante do dilema posto no campo intelectual latino-americano naquele momento. Apesar de ainda realçar a importância da teoria, recuperando a legitimidade do trabalho teórico ao citar um dos textos clássicos do marxismo, percebe-se que Debray está em vias de destituir, completamente, o intelectual de seu capital simbólico e também de delegar o papel da teoria no processo revolucionário a um local secundário, privilegiando a adesão às armas. A forma acabada desta destituição viria em seu texto final – amplamente difundido na América Latina e alçado a principal manual da luta armada latino-americana – *Revolución en la revolución?*.

Publicado na edição de janeiro de 1967, em grande esforço editorial promovido pelo governo cubano, que financiou a impressão de 300 mil exemplares, além da leitura diária de trechos na rádio Havana, *Revolución en la revolución?* foi traduzido, formal e informalmente, de forma legal e clandestina, em diversos países. Apontando para a receptividade do livro, Debray ressalta o imaginário da época: “El Estado cubano lo puso en circulación, el aire de la época le dio alas.”⁴³

Como aprofundamento de *El castrismo...*, *Revolución en la revolución?* buscava sublinhar a importância das lições tático-estratégicas da revolução cubana para a América Latina. Contudo, apesar de semelhante empreitada, o texto, por suas posições distintas dos textos anteriores, é sintomático da inflexão da ida a Cuba e, especialmente, da relação desenvolvida com o governo cubano.

Um aspecto inicial a ser mencionado é o aumento da carga na experiência cubana como referencial revolucionário latino-americano. Apesar de presente no texto anterior supracitado, aqui percebe-se a ênfase em deslegitimar outras experiências, que faziam parte do imaginário dos grupos guerrilheiros latino-americanos, para sublinhar as lições cubanas, em detrimento, principalmente, das experiências chinesa e vietnamita. Nas palavras de Debray, ao discorrer sobre as leituras que os militantes latino-americanos faziam de Giap e Mao: “[...] la guerra revolucionaria tiene en la América Latina

⁴² Ibid, 159

⁴³ Debray, op. cit., 1999, 102.

condiciones de desarrollo muy particulares, profundamente diferentes, que no podrá encontrar sino a partir de una experiencia propia.”⁴⁴ Em outro trecho, aponta explicitamente:

La falta de experiencia anterior en la lucha armada, en las condiciones históricas y sociales propias de la América Latina, ha permitido, sin duda inconscientemente, copiar la experiencia vietnamita, desgajándola de su medio propio. El desconocimiento de la Revolución Cubana ha podido desempeñar también su papel; revolución de la cual se ha tomado la envoltura externa, pero cuyo contenido no ha sido estudiado todavía suficientemente.⁴⁵

Do ventre desta análise que visava legitimar a experiência cubana, é possível notar outra mudança significativa em relação aos textos anteriores, que se tornou um dos principais aspectos constituintes de *Revolución en la revolución?* oferecendo, inclusive, contornos nítidos para compreender a recepção acalorada do texto entre os militantes latino-americanos. Retomando a metáfora utilizada em seu primeiro texto, supracitada, que relaciona a construção do exército guerrilheiro à construção de uma pirâmide, Debray, ao contrário de outrora, silencia sobre a importância de esforços simultâneos, pelo topo e pela base, reforçando, assim, a importância do cume, ou seja, do foco guerrilheiro: “Las diferencias entre Vietnam y la América Latina conducen al siguiente contraste. Mientras en Vietnam la pirámide militar de las fuerzas de liberación se construyó desde la base, en América Latina, en cambio, tienden a constituirse desde la cúspide: fuerzas permanentes primero – el foco –”.⁴⁶ Do seio da alteração metafórica, surgiu uma outra metáfora, que se tornou famosa entre os partidários da luta armada, legitimando a ação militar do foco guerrilheiro como fator fundamental para mobilização das massas: “Es el ‘pequeño motor’ que pone en marcha el ‘gran motor’ de las masas y precipita la formación de un frente, en la ascensión de las victorias obtenidas por el pequeño motor.”⁴⁷ Nessa perspectiva, portanto, a revolução dependia apenas de mãos que empunhassem os fuzis para realiza-la. Assim, a um só tempo, apontava os caminhos a seguir aos movimentos latino-americanos, como também reforçava a experiência de Cuba como portadora das lições que deveriam ser apreendidas para o sucesso das revoluções.

Inversamente proporcional à supervalorização da opção pela luta armada, do foco guerrilheiro e da *sierra* que, conseqüentemente, construíam uma leitura enviesada do processo revolucionário cubano, o filósofo francês promovia a desvalorização da figura do intelectual, do esforço teórico, do papel do partido e das cidades, amalgamando-os de forma intensamente depreciativa. Em um primeiro aspecto, ao contrário de *El castrismo...*, Debray, em *Revolución en la revolución?*, é taxativo: “La destrucción de un camión de transporte de tropas o la ejecución pública de un policía torturador hacen más propaganda efectiva entre la población vecina, propaganda alta y profundamente política, que doscientos discursos.”⁴⁸ Nesse sentido, em franca contradição com seus primeiros textos, o papel das cidades, antes fundamental, agora é completamente desprezado: “[...] todo hombre, aunque sea un camarada, que se pasa la vida en la ciudad, es un burgués sin saberlo en comparación con el guerrillero.”⁴⁹ Além disso, Debray desqualifica qualquer forma de luta institucional nas cidades. Ao descrever como óbvio o fracasso de uma greve geral

⁴⁴ Debray, op. cit., 1976, 166-167.

⁴⁵ Ibid, 198

⁴⁶ Ibid, 193

⁴⁷ Ibid, 223

⁴⁸ Ibid, 195.

⁴⁹ Ibid, 210.

realizada em 1958 em Cuba, postula: “Así le tocó a la sierra salvar a la revolución puesta en peligro por el llano.”⁵⁰

Com relação ao intelectual, também é notória a subida de tom. Debray, inclusive, realiza uma autocrítica em relação a estar, ele próprio, absorto pela prática teórica ao escrever este ensaio:

Que un intelectual, sobre todo si es burgués, hable de estrategia, ante todo, es normal. La desgracia quiere que el buen camino, el único practicable, parta de datos tácticos para elevarse hasta definir una estrategia. El abuso de estrategia y la falta de táctica es un vicio delicioso propio de los contemplativos, al cual también nosotros cedemos al escribir estas líneas. Razón de más para tener presente en la mente la inversión de que somos víctimas al leer obras teóricas.⁵¹

Para além, ainda com relação ao intelectual, é significativa uma frase que sintetiza a visão de Debray neste momento, não apenas destituindo os intelectuais de seu capital simbólico, mas, sobretudo, destituindo a necessidade da teoria para o desencadeamento do processo revolucionário. Em *Revolución en la revolución?* – ao contrário, conforme vimos, da necessidade “de un gigantesco trabajo teórico” para realização da revolução latino-americana, presente em seu texto imediatamente anterior –, Debray aponta: “Los mejores maestros de marxismo-leninismo son los enemigos enfrentados.”⁵²

Com relação ao partido, Debray recupera uma frase de Fidel: “¿Quiénes harán la revolución en la América Latina? ¿Quiénes? El pueblo, los revolucionarios con Partido o sin Partido.”⁵³ Recupera-a para afirmar a sobreposição da vanguarda guerrilheira: “Fidel Castro dice simplemente que no hay revolución sin vanguardia; que esa vanguardia no es, necesariamente, el partido marxista-leninista; y que los que quieren hacer la revolución tienen el derecho y el deber de constituirse en vanguardia.”⁵⁴ Por conseguinte, desvaloriza substancialmente os dirigentes partidários, supervalorizando as lideranças “político-militares”, que surgem da guerrilha:

Los dirigentes de envergadura en la América Latina de hoy son hombres jóvenes, sin larga experiencia política previa a su entrada en la guerrilla. Es ridículo continuar oponiendo ‘cuadros políticos’ y ‘cuadros militares’; ‘dirección política’ y ‘dirección militar’; ‘políticos’ puros – que quieren seguir siéndolo – no sirven para dirigir la lucha armada del pueblo; los ‘militares’ puro sirven, y dirigiendo una guerrilla, viviéndola, se convierten en ‘políticos’ también.⁵⁵

Por fim, como última grande mudança, ao contrário do alerta anterior em não transformar a opção pela luta armada e, conseqüentemente, do foco guerrilheiro em imperativo categórico, em *Revolución en la revolución?* o filósofo aponta:

En torno de esta línea de acción se reúnen hoy los que en la América Latina tienen las armas en la mano. Hacia ella convergen todas las formaciones a

⁵⁰ Ibid, 217.

⁵¹ Ibid, 202.

⁵² Ibid, 247

⁵³ Ibid, 234

⁵⁴ Ibid, 234.

⁵⁵ Ibid, 228.

medida que se acercan a la lucha armada. Este encuentro no debe nada al azar. [...]. Este encuentro es simplemente racional. En una situación histórica dada puede haber mil maneras de hablar de la revolución, pero hay una concordancia necesaria entre todos los que han decidido a hacerla.⁵⁶

Em síntese, *Revolución en la revolución?*, como pudemos ver, realça aspectos ainda matizados nos textos anteriores e, fundamentalmente, altera concepções importantes dos textos anteriores de Debray, especialmente a respeito da função das cidades, dos intelectuais e da reflexão teórica no processo revolucionário. Buscando afirmar a experiência cubana como exemplo para a revolução latino-americana, Debray supervalorizou, sobretudo, a ação militar do foco guerrilheiro. No centro do campo intelectual latino-americano, *Revolución en la revolución?* é a concretização da posição de prestígio de Debray no campo, alinhado ao discurso legítimo, do qual era constituído e constituinte ao mesmo tempo. Contraditoriamente, sua função revolucionária restringia-se à função intelectual. Função esta que, a partir de 1966, passou a criticar veementemente através da própria prática intelectual. Atingiu, assim, a posição de prestígio dentre os intelectuais por intermédio de uma prática intelectual francamente anti-intelectualista.

Cuba e Debray

Conforme vimos, Debray, em *Revolución en la revolución?*, buscou reforçar a experiência cubana como modelo revolucionário exportável aos demais países da América Latina. Mais do que isso, produziu uma leitura enviesada sobre o processo revolucionário cubano, supervalorizando a ação das guerrilhas no campo e desvalorizando, em igual proporção, a atuação nas cidades, seja por intermédio da discussão política, do papel da teoria e/ou por qualquer forma de luta dentro dos parâmetros institucionais. Significativamente incentivado pelo governo cubano, o ensaio demonstra que Debray, modificando aspectos importantes dos textos anteriores, sintonizava-se com os dirigentes cubanos. Afinava-se, assim, com a perspectiva, afirmada e reafirmada por Fidel Castro, de que a revolução havia começado do zero, de um punhado de homens.⁵⁷ Debray, portanto, com *Revolución en la revolución?*, contribuía à criação do foquismo, simplificando o processo revolucionário cubano para supervalorizar a ação dos guerrilheiros da sierra.

Contudo, essa afirmação, per si, não explica o que imbuíu os dirigentes cubanos a incentivarem a produção teórica de Debray sobre as lições apreendidas da revolução vitoriosa. Para compreendermos, em sua complexidade, a importância de Debray para Cuba, devemos seguir a trilha do projeto de internacionalização da revolução promovido, de forma sistemática, pelo governo cubano ao longo da década de 60.

Em um primeiro plano, o projeto de internacionalização da revolução atendia à necessidade de sobrevivência do regime cubano instaurado em 1959. Dentro do contexto da Guerra Fria, desde o sucesso da revolução, as pressões norte-americanas ao longo dos governos Eisenhower e Kennedy, que variaram desde o bloqueio econômico à ilha, em 1960, à invasão da Baía dos Porcos patrocinada pela CIA, em 1961, colocavam na ordem do dia a necessidade de que a revolução se espraiasse pela América Latina, objetivando aliviar a pressão dos EUA. Como dizia o próprio Fidel: “Eles internacionalizaram o

⁵⁶ Ibid, 259.

⁵⁷ Para essa afirmação, cf. Jacob Gorender, *Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Expressão Popular/Perseu Abramo, 2014, p. 91 e Ramonet, op. cit., 114.

bloqueio, nós internacionalizaremos a guerrilha.”⁵⁸ Entretanto, em meados da década de 60, com a dependência gradativa que Cuba construía junto à União Soviética, a internacionalização da revolução também atendia à necessidade de manter relativa autonomia, naquelas circunstâncias, da própria União Soviética. Nesse sentido, portanto, o projeto de “exportar” a revolução, inserida no contexto terceiro-mundista, tinha como marca primeira manter Cuba com margens de autonomia para não se restringir às zonas de influência no contexto dos embates entre EUA e URSS.⁵⁹

Além das pressões exercidas pelas superpotências, não se deve esquecer, todavia, o desejo, genuíno, de transformar a cordilheira dos Andes na Sierra Maestra da América Latina, intentando, como se pensava na época, libertar os países latino-americanos do jugo imperialista norte-americano. Buscava-se, assim, através da construção de um modelo revolucionário, criar um, dois, três vietnãs, conforme a máxima de Che Guevara. Os cubanos, nesse sentido, alçavam-se a uma posição de vanguarda no movimento comunista internacional e, especialmente, diante dos diversos partidos e organizações de esquerda latino-americanos. Por intermédio da internacionalização da revolução, reafirmavam, constantemente, a mística do primeiro território livre da América.

Nessa perspectiva, portanto, sublinhando a importância de sobrevivência e legitimidade externa da revolução, o ensaio de Debray, demonstrando o caminho a seguir, integrava-se à engrenagem complexa de internacionalização da revolução desenvolvida pelo governo cubano, que englobava: Treinamento guerrilheiro oferecido aos militantes latino-americanos, desde 1962; Primeira Conferência Tricontinental em 1966; e incentivo financeiro e/ou logístico às experiências guerrilheiras já em curso. Como confirmação dessa estrutura, servindo de pedra de toque, Cuba criou, também, no mesmo ano de publicação do ensaio de Debray, a Organização Latino-americana de Solidariedade (OLAS), que servia como uma espécie de internacional continental. Seu lema – o dever de todo revolucionário é fazer a revolução – reverberava nos rincões da América Latina, conclamando à construção do foco guerrilheiro, como também reafirmando o protagonismo de Cuba no continente.

Além desse aspecto, há um outro, menos direto, mas não menos importante, que auxilia na análise a respeito das relações entre Cuba e o filósofo francês. Se, externamente, o foquismo indicava os caminhos a seguir aos movimentos revolucionários e mantinha o protagonismo de Cuba no continente, internamente objetivava manter a coesão social em tempos difíceis. O bloqueio econômico imposto pelos EUA e a exclusão de Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA) isolaram Cuba comercialmente. Assim, como já dissemos, os dirigentes cubanos tiveram de, por força das circunstâncias, submeter-se ao auxílio soviético. Entretanto, o auxílio requereria contrapartidas. A principal delas, em meados da década de 60, seria refrear o projeto de internacionalização da revolução pela guerra de guerrilhas, método revolucionário não partilhado pela União Soviética. Com a recusa prática de Cuba, quebrando o acordo estabelecido em novembro/dezembro de 1964, a URSS passou a realizar sanções silenciosas à ilha. Produzindo açúcar unicamente para o mercado soviético e já dependente do petróleo de Moscou, Cuba passava por sérias dificuldades ao deslocar-se da dependência norte-americana à dependência soviética.

⁵⁸ Ramonet, op. cit., 270.

⁵⁹ Para maiores informações, cf. Daniel Aarão Reis. A revolução e o socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso. In: Denise Rollemberg; Samantha Quadrat (orgs.). A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX. (Brasil e América Latina). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2010, pp. 363-392; Luiz Alberto Moniz Bandeira. De Martí a Fidel: A revolução cubana e a América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

Vale ressaltar, também, que no momento de publicação do ensaio de Debray, em 1967, grande parte das guerrilhas imediatamente posteriores à revolução cubana na América Latina haviam sido derrotadas. Entre 1964 e 1966, as experiências guerrilheiras na Colômbia, Argentina, República Dominicana, Peru, Guatemala e Venezuela, em maior ou menor grau, sofriam derrotas significativas.⁶⁰ Além delas, a própria guerrilha de Che, na Bolívia, da qual Debray participou, também seria derrotada no fim daquele ano, culminando com o assassinato do guerrilheiro argentino em outubro.

Nesse sentido, portanto, a divulgação do modelo revolucionário cubano, exacerbado pelo texto de Debray, da braveza dos guerrilheiros, temperados na aspereza das *sierras* e da guerra, dedicados de corpo e alma à revolução servia, também, como amálgama à sociedade para realização de quaisquer sacrifícios em favor da superação das dificuldades. Assim, à exemplo dos guerrilheiros que, no início, eram apenas um punhado de homens, contra tudo e contra todos, Cuba, temperada na aspereza das hostilidades norte-americanas, também superaria suas dificuldades. Conforme aponta Denise Rollemberg: “A perspectiva de exportar a revolução serviu, em última instância, como um meio de importar a revolução, garanti-la no interior de suas fronteiras”⁶¹.

Conclusões

Objetivávamos, com o presente artigo, demonstrar como se deu a intensa e complexa relação de Régis Debray com Cuba e, no limite, com o continente americano em uma época na qual se pensava que a revolução estava ao alcance das mãos. Imerso nesse contexto, constituiu-se um campo intelectual baseado na ideia de latino-américa, no qual Debray movimentou-se, atingindo posição de prestígio após ter despertado a atenção dos principais dirigentes cubanos. Seguindo essa trilha, buscamos demonstrar aspectos da relação complexa que se desenvolveu entre Debray e Cuba a partir de 1965, escapando às análises que limitassem sua compreensão por intermédio da simples instrumentalização de Debray por Cuba e/ou da utilização da estrutura cubana por Debray para se sobressair no campo intelectual.

Debray acreditava no que estava escrevendo e, fundamentalmente, cria na revolução latino-americana. Caso contrário, não insistiria em fazer parte da guerrilha de Che na Bolívia na condição de guerrilheiro, fato que foi impossibilitado por decisão do comandante argentino, que o manteve na condição de informante. Apesar da não participação efetiva, seria preso em abril de 1967, ficando preso por quatro anos na Bolívia. Uma carta sua, da prisão em Camiri, de setembro de 1967, ilustra de maneira elucidativa a crença de Debray. Buscando eximir-se da acusação de participar, como guerrilheiro, da guerrilha de Che na Bolívia, que, caso fosse condenado o levaria à pena de morte, o filósofo francês não renegava – tampouco se arrependia – sua ligação com a causa revolucionária latino-americana. Nas palavras de Debray:

No fue una decisión mía, sino las necesidades de la lucha y una división momentánea del trabajo, las que me impidieron combatir e incorporarme definitivamente al ELN [Ejército de Liberación Nacional]. [...] Sin embargo, no pretendo en modo alguno, un estatus de inocencia, ni la inmunidad del intelectual y no pretendo lavarme las manos de la sangre vertida. Si escribir es un acto de compromiso, [...], yo soy responsable de haber justificado y ensalzado la guerra de guerrillas, y acepto esta responsabilidad como un

⁶⁰ Moniz Bandeira, op. cit.

⁶¹ Denise Rollemberg. O apoio de Cuba à luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, p. 61.

cumplido. Pero pido ser condenado por ella, por el análisis que he hecho de la lucha armada en Latinoamérica y qué bueno si puede ser útil a los guerrilleros, qué bueno si este análisis ha servido para algo.⁶²

Pelo lado de Cuba, também não havia uma intenção completamente racional de produzir uma versão enviesada do processo revolucionário tendo em vista todos os aspectos supracitados. Acreditava-se, colocando a própria vida em risco, que a revolução havia começado de um punhado de homens, armados, no campo. Conforme aponta um dos biógrafos de Che, Lee Anderson, o livro de Debray foi utilizado pelo argentino para algumas das aulas ministradas aos combatentes na Bolívia, dentre eles, cubanos.⁶³

Em síntese, Debray e Cuba constituíram e foram constituídos, em sua relação, da crença na revolução latino-americana baseada no foco guerrilheiro. Alavancando ao máximo a importância das armas, inspiraram diversos movimentos latino-americanos em busca do fim da exploração do homem pelo homem. Para o filósofo francês, além do prestígio no campo intelectual adquirido ao longo do biênio 1966-1967, fortemente marcado por uma perspectiva anti-intelectualista, o contato estreito com Cuba, apesar dos dissabores do cárcere na Bolívia e do fracasso continental da revolução, abrir-lhe-ia uma ampla gama de possibilidades, inclusive de participação no governo Mitterrand na França na década de 80, conforme ele mesmo aponta em seu livro de memórias. Após descrever a história supracitada da chegada de seu texto às mãos de Che em Argel, Debray diz: “Fue como antiguo compañero de Guevara como Salvador Allende me recibió a mi salida de la prisión, en 1971. Fue como portador de un mensaje de Allende a Mitterrand como yo conocí a este último cerca de Pau, en 1972. Y fue como supuesto experto en el Tercer mundo como el presidente electo me introdujo en el Elíseo, en 1981. Todo se encadena, ligado a un mínimo además.”⁶⁴

Referências Bibliográficas:

- Benjamin Lambert. *Défense d'interdire: Almanach (nostalgique) de mai 1968*. FeniXX, 1997.
- Claudia Gilman. *Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Argentina, Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.
- Daniel Aarão Reis Filho. A revolução e o socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso. In: -ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (org.). *A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX. (Brasil e América Latina)*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2010, p. 363-392.
- Denise Rollemberg. *O apoio de Cuba à luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

⁶² Debray, op. cit., 1976, 268.

⁶³ Anderson, op. cit., 823

⁶⁴ Debray, op. cit., 1999, 51.

- Ernesto Guevara. “Che” *Obra revolucionaria*. Organização Roberto Fernandez Retamar. 2. Ed. México, DF: Era, 1968.
- _____. *Guerra de Guerrilhas (1960)*, 10ª ed. São Paulo: edições populares, 1987.
- Frantz Fanon. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- Humberto Cucchetti. Régis Debray, intellectuel engagé. De révolutionnaire professionnel à conseiller d’État. *Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies / Revue canadienne des études latino-américaines et caraïbes*, 44:1, 2018, 83-104, DOI: 10.1080/08263663.2019.1543164.
- Ignacio Ramonet. *Fidel Castro: biografia a duas vozes*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- Ítalo Rodrigo Xavier Cordeiro. *A cultura política da revolução latino-americana na década de 1960: Régis Debray e o foquismo*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual de São Paulo, Franca/SP, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/93190>; Acesso em: 20 fev. 2019.
- Jacob Gorender. *Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Expressão Popular/Perseu Abramo, 2014.
- Jon Lee Anderson. *Che, uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- Jorge Castañeda. *G. Che Guevara: a vida em vermelho*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- Karl Marx. *Manuscritos Econômico-filosóficos (1844)*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- Luiz Alberto Moniz Bandeira. *De Martí a Fidel: A revolução cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- Marcelo Ridenti. *Brasilidade revolucionária: um século de cultura e política*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- Pierre Bordieu. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. *O poder simbólico*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- Régis Debray. *Ensayos sobre América Latina*. 3ª ed. México, DF: Era, 1976.
- _____. *Alabados sean nuestros señores: una educación política* Espanha, Madrid: del Taller de Mario Muchnik, 1999.